

Folha de S. Paulo - 24-10-65

"Check-up" da VIII Bienal

Ainda o desenho brasileiro

José Geraldo VIEIRA

No artigo anterior fomos citando os desenhistas brasileiros à medida que desenvolvíamos considerações sobre as técnicas usadas, desde o nanquim sobre o papel de arroz e o guache sobre cartão, até as aguadas e as colagens.

Agora desejamos rematar o estudo sobre os 161 trabalhos apresentados, comparando os mais típicos e os mais atípicos aos desenhos estrangeiros. A tal respeito, a pesquisa e a solução de Cipriano Guariglia é originalíssima pois quem desenha é a claridade e não ele, mediante efeitos sobre baixos relevos. Quanto a Farnese de Andrade, aproxima o desenho do efeito da gravura, ao passo que Nilson Seoane aproxima seus nanquins-oleos dos "cartoons" para tapeçaria, a solução sendo bastante plastica e decorativa.

Quanto ao uso e ao abuso da colagem, há que distinguir Darci Penteadó, Odila Mestriner e Quissak Jr. Cada qual destes três tem maneira própria de organização, sendo que às vezes se aproximam do surrealismo. Mestriner no processo de Hunderwasser; Penteadó de Antônio Berni e de Tomoshige; Quissak Jr. com a desenvoltura de François Arnal.

Detendo-nos agora nos nossos desenhistas ortodoxos, isto é, que empregam a tradição do traço apenas, temos que aglomerar os excelentes trabalhos de Eli Bueno, Roberto Campadello, Carmelio Cruz, Maria Carmen e Helena Wong ao acervo grafico estrangeiro apresentado na VIII Bienal; principalmente ao lote dos escultores que remeteram desta vez desenhos, tais como Henry-Georges Adam, Jean Arp, Emmanuel Auricoste, Cesar Baldacini, Chauvin, Louis Chavignier, Etienne Hadju e Eugène Dodeigne. Estes, antigos e modernos, apresentados no trecho francês, trabalham ou trabalharam com nanquim ou com carvão.

Helena Wong é tradicionalista, mas a sua caligrafia se deforma em texturas analogicas de paisagem. Maria Carmen dá efeito de capitulares aos seus desenhos encravados em textos manuscritos, aliás como Mira Schendel. Ao passo que Eli Bueno se restringe vocacionalmente àquela desteridade do "croquis" ou do "radierung" dos grandes desenhistas como Derain, ou Matisse, sem falar em Gavarni, Callot, Forain, Willette etc. Ainda agora, observando-se os desenhos de Eli Bueno na atual exposição na Galeria São Luís, fácil é notar o seu processo de retroação plastica e volumetrica. De fato, ela sugere em alguns trabalhos torsos nus, quase academicos, e vai desintegrando a imagem em particulas histologicas até deformar o assunto em halos concentricos de "croquis", passando do objetivo para o abstrato, do corpo para o sentido.

Assim, o seu desenho, conquanto teoricamente fisico, corporal, ao desmanchar-se em rotação centrifuga não se aproxima das deformações de Flavio de Carvalho ou de Wesley, nem de Alechinski (belga), nem de Sondenborg (alemão); a desintegração anatomica se espiritualiza, como às vezes em Darel. A multiplicidade de tecnicas graficas no setor brasileiro desta Bienal caracteriza o melhor conjunto já apresentado no Ibirapuera até agora.